

Não Será o Brasil

Rubem Braga

VAI o governo levar ao Congresso várias leis de caráter antidemocrático, a serem votadas em urgência urgentíssima, segundo a pitoresca expressão já consagrada, para contentar os círculos revolucionários desgostados pela vitória da oposição em alguns Estados, principalmente Guanabara e Minas. São leis que atentam frontalmente contra a Federação e também contra os direitos do homem. Nem vale a pena discuti-las do ponto de vista doutrinário: todo mundo sabe que são leis arranjadas à minuta (minuta minutíssima), para atender a uma emergência.

Ora, parece que mesmo desse ponto de vista especial, essas leis não serão úteis. O sr. Carlos Lacerda referiu-se a uma delas com desprezo, chamando-a de «leizinha». Todos sabem que o sr. Carlos Lacerda, fragorosamente derrotado nas eleições, continua a contar com um grande prestígio em certos meios militares, e é com esse prestígio que está jogando. Sem êle, não iria atacar o ministro da Guerra e, de maneira muito mais grave, o presidente da República, como o fez em sua violenta entrevista.

Isto é, na verdade, o que vemos: a Revolução dividida na área militar. Quem tiver mais força ganhará a parada. A nós, civis, cabe apenas o papel de espectadores; alguns apaixonados, a torcer por um lado e outro; outros apenas curiosos; muitos, indiferentes; todos impotentes.

Há momentos em que parece próxima o que os espanhóis chamam «a hora da verdade»: o touro arremete, o toureiro apresta a lâmina... Depois algum interfere, há passos para cá e para lá, panos que se agitam, e o «ballet» cai em compasso de espera.

Escrevi outro dia que a radicalização da política brasileira me parece, em grande parte, artificial, e não corresponde a nenhuma encruzilhada histórica inevitável. É certo que temos problemas sociais e nacionais graves e urgentes; mas que correspondência haverá entre eles e essa luta dentro dos quadros do movimento de 1964? Am-

•bições pessoais e divergências de partidos e facções predominam nessa pantomima a que estamos todos assistindo. O pior é que ela pode se transformar em tragédia, levando-nos a uma guerra civil criminosa e nefasta. Não sou profeta, não sei quem lucrará com isso. Mas de uma coisa estou certo: não será o Brasil.

DN- 10. 10. 65